

An illustration of a young woman with dark hair tied in a high ponytail with a large gold bow. She is wearing a blue crop top and a gold skirt, holding gold pom-poms. The background is a blue stadium with spectators.

Mih Tanino

Um
intercâmbio
QUASE
perfeito

mqr

Copyright © 2025
por Michelly Tanino

Todos os direitos desta publicação reservados à Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA. Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização, salvo como referência de pesquisa ou citação acompanhada da respectiva indicação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n.9.610/98 e punido pelo artigo 194 do Código Penal.

Este texto é de responsabilidade da autora e não reflete necessariamente a opinião da Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA.

Informações como nomes, locais e detalhes desta obra foram modificadas para garantir a privacidade dos envolvidos.

Diretora-executiva

Renata Sturm

Diretor Financeiro

Guther Faggion

Diretor Comercial

Nilson Roberto da Silva

Administração

Alberto Balbino

Editor

Pedro Aranha

Assistente editorial

Amanda do Valle

Preparação

Letícia Portela

Revisão

João Lucas Z. Kosce

Direção de Arte

Rafael Bersi

Marketing e Comunicação

Matheus da Costa, Bianca Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA — CRB-8/7057

TANINO, Mih
Um intercâmbio quase perfeito / Mih Tanino. -- São Paulo : Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora Ltda, 2025.
288 p. : il.

ISBN 978-85-94484-64-2

1. Ficção infantojuvenil brasileira I. Título

25-0405

CDD 028.5

Índice Para Catálogo Sistemático:

1. Ficção infantojuvenil brasileira

maquinaria
EDITORIAL

Rua Pedro de Toledo, 129 — Sala 104
Vila Clementino — São Paulo — SP, CEP: 04039-030
www.mqnr.com.br

Mih Tanino

Um
intercâmbio
QUASE
perfeito

mqnr

Para Pompom.



INTRODUÇÃO

Antes de tudo...

Fazer intercâmbio era mais que um sonho. Era uma fuga.

Para falar a verdade, eu queria fugir de todas as escolas que frequentei. Nunca me encaixei e sempre senti que não me encaixaria em nenhuma delas. O *bullying* só piorava com o tempo; ofensas e apelidos de mau gosto eram diários. Era uma rotina cansativa: eu acordava e sabia o que encontraria na escola.

Muitas vezes me senti deprimida. Desmotivada, sabe? Eu já sabia o que me esperava naquele lugar, as pessoas que sentariam ao meu redor e o que teria que escutar. Às vezes, o óbvio precisa ser dito: sofrer *bullying* é horrível!

Por conta desses momentos nada, nada felizes, a ideia de fazer intercâmbio foi ganhando força. A ideia de estar longe daquela escola, longe da mesma sala de aula e dos meus colegas de turma, que tornavam meus dias terríveis, se tornou uma esperança. Conteí com o apoio dos meus pais. Eles me viam todos os dias arrasada pela casa.

Acho que me ver tão feliz com um novo plano, por mais surreal que pudesse ser, os animou também.

Com o apoio deles, era oficial: eu mudaria de país. Conheceria uma nova cultura, estaria fora do continente, deixaria tudo para trás — claro, por um tempinho, não é? — e cuidaria de mim mesma por meses. Imagina o medo que eu senti?

Do dia para a noite, tivemos que correr atrás de mil e uma coisas. A primeira etapa foi encontrar uma agência que ainda tivesse vagas para o intercâmbio.

A segunda era a que me causava mais ansiedade: aprender a falar inglês! Posso confessar algo? Fica entre a gente, hein? Eu não sabia falar nada de inglês. Nada! Para vocês terem uma ideia, eu pensava que cenoura se dizia *cenourry*.

Confusões à parte, as etapas foram seguindo: tirar passaporte, visto de estudante, fazer as malas, me despedir de pessoas queridas, preencher formulários, documentação. Ufa! Um monte de coisa para resolver, viu?

Pensei que não daria certo. Meu tempo era curto e eu tinha apenas seis meses para garantir que eu estivesse em um avião rumo aos Estados Unidos.

Até tentei fazer algumas aulas de inglês com um professor particular. Achei que daria certo, mas nas primeiras aulas ele me disse que seria praticamente impossível embarcar em seis meses. Me aconselhou a esperar dois anos mais ou menos. Será que ele não tinha entendido que aquele era o meu sonho?

Será que ele não tinha entendido que eu não tinha tempo algum para esperar?

Imagina só: dois anos? Não, não, não. Era meu último ano do ensino médio, o tempo estava correndo e, se eu não estivesse com tudo pronto — ou quase — eu nunca mais teria a experiência do *high school*. Essa era a minha meta desde o começo. As pessoas chamam de “Sonho Americano”; eu gosto de pensar que foi apenas o *meu* sonho. E ele valia muito para mim.

Coloquei na cabeça que aquela seria a hora da decisão. “Agora ou nunca”, como gosto de pensar. Decidi ignorar o conselho do professor e resolvi estudar por mim mesma. Assisti filmes e séries em inglês, vídeos

no *YouTube* e até fazia *stories* em inglês. Mesmo que eu não postasse nenhum, eu sabia que estava me ajudando de alguma forma.

Eu falava sozinha em inglês também, ok? Parecia que eu estava perdendo a cabeça? Sim, um pouquinho, mas me ajudou muito! Fui teimosa em não desistir.

Os meses foram passando, meu inglês foi melhorando.

Treinar inglês sozinha me deu um pouco mais de confiança. Conversar com vocês e abrir meu coração sobre a nova etapa da minha vida também. Loucura, né? Olha só aonde chegamos depois de tanto tempo!

Vocês assistiram uma parte do que rolou na minha vida por meio de telas, me acompanharam em visualizações e experimentaram um pouquinho — como gosto de falar — do meu sonho.

Agora é uma boa para hora para relaxar, sorrir, se emocionar, torcer e lembrar um pouco do que compartilhei com vocês. Nestas próximas páginas, tem até *coisinhas* que nem cheguei a falar nas redes sociais.

Mais do que isso, vocês agora farão parte das minhas maiores lembranças.

Vem comigo para o meu intercâmbio!



CAPÍTULO 1

Tudo pode dar certo (até mesmo quando não acredito!)

Para quem não sabe, é no mês de julho que os intercambistas começam a viajar em direção ao destino escolhido. Também é em julho que os estudantes dos Estados Unidos ainda estão de férias. Vocês acreditam que, por lá, são três meses longe da escola? Isso, exatamente como no desenho *Phineas e Ferb*. Para eles, era mais um mês de descanso; para mim, era o começo de tudo.

Mas só tinha um pequeno problema: eu ainda não tinha uma *host family*. Esse foi um dos termos que eu estava mais do que ansiosa para usar. *Host family*. Chique, né? É assim que chamamos as famílias que ficam responsáveis por nós, intercambistas, em outros países.

Mas, adivinha? Eu ainda não tinha nenhuma. Passei as últimas semanas antes do embarque procurando, e, somado à ansiedade de ir atrás de tudo o que faltava, ainda tinha esse grande detalhe.

E foi assim, ainda sem respostas definitivas, que julho acabou.

Agosto chegou, e eu continuava sem nenhuma família. Passaram-se dez dias, e a ansiedade deu lugar ao desespero. Comecei a me perguntar se não tinha nada de errado comigo. Será que ninguém me escolhia porque eu tinha colocado na minha carta de apresentação que eu era uma *Digital Influencer* no Brasil?

Tive muito medo de os americanos não me escolherem por esse motivo.

Se, por alguma razão, eu tivesse que continuar na mesma escola, eu sabia que não seria um ano bom. Teria que viver tudo de novo e de novo.

Quando o desespero chega, é quase impossível não pensar que tudo *já deu errado*.

Mas é como eu sempre digo: nada é tão ruim que não possa piorar. Quando eu menos esperava, um novo medo surgiu: ser desligada do intercâmbio.

Vou ser sincera, eu não sabia que poderia ser desligada do intercâmbio até ver, com meus próprios olhos, o que estava acontecendo com as pessoas ao meu redor. Os motivos eram bobos e sem muito critério. Me senti descartável por um momento. Até ouvi dizer que uma intercambista foi dispensada porque fazia aniversário em junho.

Tipo... Oi?!

E não parou por aí. Dia após dia, mais pessoas se despediam do sonho de fazer parte do *high school*. Então, em resumo, eu estava ansiosa, nervosa e ainda tinha o medo para terminar de me colocar para baixo.

Claro, não demorou para eu começar a pensar que seria a próxima a ser dispensada. O medo faz com que a nossa mente voe para bem longe dos nossos objetivos, e não havia apenas o medo em mim, mas também a incerteza de que teria que ficar no Brasil por mais um ano. Meus pais e eu tínhamos investido todo o nosso tempo para que aquela viagem acontecesse. Era nosso direito saber exatamente o que estava acontecendo.

A verdade não demorou a aparecer. Algumas famílias brasileiras começaram a pressionar a agência para entenderem o que estava acontecendo e o motivo de tantos desligamentos. Foi quando soubemos: não havia famílias americanas suficientes para todos os intercambistas.

As respostas eram das mais variadas possíveis: famílias americanas sem recursos para receber mais de um estudante, pandemia, vagas

incompletas. As razões eram intermináveis, mas eu só queria saber uma coisa. *E agora?* O que eu vou fazer? Estava tudo praticamente resolvido! Programa de intercâmbio pago, visto de estudante confirmado e meu inglês estava bem melhor do que era antes. Eu tinha basicamente tudo. Tudo, menos o principal: a família.

E calma, pessoal, que ainda vem a bomba. No dia 30 de agosto, quase um mês depois das aulas já terem começado nos Estados Unidos, recebi a pior notícia possível da agência: não haveria mais embarques. Basicamente, me disseram: “Quem foi, foi. Quem não foi, paciência!”. Completaram dizendo que eu tinha apenas um dia para ser aceita por uma família. Um dia. Depois de semanas de espera, meu sonho estava se resumindo a sentar e esperar.

Se nenhuma *host family* me escolhesse até dia 31 de agosto — isso mesmo, o último dia do mês, antes de setembro começar —, eu seria desligada.

Eu não queria admitir, mas já estava sem qualquer esperança. Desde a pandemia, eu já tinha colecionado algumas decepções, incluindo a minha festa de quinze anos, que não tinha dado certo. Do meu jeito, tentei fingir que estava tudo bem, mas só eu sabia o tamanho da minha tristeza. Quando tudo estava encaminhado para dar certo, simplesmente não dava. Era isso?

Naquele momento, eu desisti. Não tinha mais o que fazer. Já tinha aceitado que só faltava mais um dia e que eu seria desligada.

Quando mais uma amiga minha recebeu um “não”, não cabia mais tristeza em mim. E não estou sendo dramática. Imagina a vergonha de voltar para a escola em setembro? Já tinha feito texto me despedindo, já tinha colocado na mente que não estaria por perto tão cedo.

Mas, como uma grande reviravolta de filme, um milagre aconteceu.

Era quase cinco da tarde quando a representante da agência enviou uma mensagem para minha mãe. Sim, isso mesmo. Nos últimos minutos,

uma família tinha se interessado por mim. Gritei, pulei, abracei meus pais e, claro, chorei muito. Muito. Minhas lágrimas e minhas preces tinham sido atendidas.

E, para combinar com a loucura do começo ao fim, eu tinha que embarcar em três dias.

Três. Dias.

Sabe o que é isso?

Comprar uma passagem caríssima em cima da hora, planejar os presentes para a família, me despedir dos meus pais, fazer as malas, escolher e comprar roupas novas — até então, eu nem sabia para onde iria.

Mas eu finalmente tinha um local, e meu destino era o estado do Arizona!

Fiquei tão preocupada em ir logo, entrar no avião e ter uma família americana que me escolhesse, que acho que me esqueci da pior parte. Ter que me despedir dos meus pais e do Pompom foi muito difícil. Meus pais tinham me dado amor e apoio desde o início — minha mãe até brigou na agência por minha causa. E o Pompom era o meu melhor amigo desde o momento em que o encontramos. Pompom era o nosso mascote, uma chinchila de quase dois anos. Foi ele quem me salvou nos meus piores momentos. Com a saúde mental desgastada, era o Pompom que estava ao meu lado.

Eu sentiria falta dele todos os dias.

Ali, me despedindo de todos que mais amava, alívio e um novo medo se misturaram, mas eu precisava ser corajosa.

Com o coração triste, mas ao mesmo tempo muito feliz e realizado, embarquei para a maior aventura da minha vida.



CAPÍTULO 2

Alô, deserto! Ai vou eu!

Eu já tinha feito viagens internacionais antes, mas aquela era diferente. Foi mais longa e um pouco cansativa. Não era nenhuma novidade, mas ainda assim, encontrei detalhes para ficar encantada. Eu estava sozinha, sem meus pais, moraria fora por longos meses. Era uma nova vida, um grande recomeço longe de tudo o que me machucava nas escolas brasileiras.

Queria poder dizer que vi todas as paisagens do mundo dentro daquele avião, mas a verdade é que dormi bastante. Vi alguns filmes, gravei alguns vídeos, mas, na realidade, eu dormi a maior parte do tempo! Por mais longo que fosse o voo, acho que aproveitei do jeito que dava.

Ao chegar no aeroporto dos Estados Unidos, eu, que achava que estava super fluente no inglês, percebi que não entendia quase nada. Pensei que estivesse com tudo ganho, com o idioma todo na ponta da língua. Nada disso. Estava mais perdida do que nunca e, para piorar, me perdi no aeroporto também.

Acho que já deu para perceber, mas, para quem não sabe, eu sou muito atrapalhada. Muito! Agora vocês imaginem uma pessoa atrapalhada, perdida e nervosa em um lugar onde nunca esteve antes. Uma baita confusão — ou mais uma história para contar, é claro.

No aeroporto, como não encontrei um carrinho para acomodar as minhas malas, decidi que empurraria todas de uma vez até encontrar algum disponível. Infelizmente, não encontrei nenhum. Pelo menos, não

VOCÊ ACABOU DE LER UMA AMOSTRA,
ADQUIRA AGORA O LIVRO COMPLETO



Já disponível

EM PRÉ-VENDA

[CLIQUE AQUI](#)

 **leitura**